

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/as-partes-que-faltam/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Alva retirada

Luiza Schiavo Belleza

Chão branco, limpíssimo, um mar de azulejos cinquenta e oito por cinquenta e oito, evito, sem sucesso, deparar-me com os pés que cruzam de um lado a outro do salão, tentando afogar-me nesse sem fim de cerâmica encerada. Passam como em parada de qualquer ordem, executando ensaiado desfile: um ou dois por vez afastam-se do grupo onde falam amenidades em tom solene, caminham sem pressa até o outro lado do salão, debruçam-se, aqui, quase sempre, um por vez, sobre a atração central por alguns minutos, erguem-se, enxugam o rosto com as mãos, ou, os mais arrojados, com um lenço e, último ato, voltam com passos igualmente calmos aos da ida. Sem escapar um milímetro sequer do respeitoso e cerimonial, tudo muito sério e honroso, como deveria ser. Não sei se choram por tristeza, raiva ou efeito dominó, o absoluto controle sobre cada movimento denuncia um roteiro para o sentir. Não há sentido algum em nada disso, e não deveria esperar que

houvesse, minha irmã me disse, mas mesmo na absoluta ausência de razão é necessário que algo motive todos a agirem conforme estipulado protocolo, eu não tenho nada me motivando, ela também não teria se visse essa merda toda. Estaria ao meu lado, olhando o chão, pensando no que é que leva alguém a pensar no clima ou no padre Paulo quando dá de cara com sua morte. Os que falavam sobre a razão de estarem ali reunidos não eram melhores, duas ou três pessoas (até agora) se aproximaram para discorrer sobre a efemeridade da vida e o próprio luto, tornando sobre si próprias a ausência de outra pessoa, o que é quase tão feio e muito mais egoísta que a morte em si.

Fernando Pessoa disse, não me lembro quando-onde, que morrer é a última coisa que acontece aos outros – eu deveria ir até lá e sair daqui logo, agora. Alguém já começou a caminhar, na próxima. Esperava que pensássemos em Sandra: isso só vai lhe acontecer uma vez e depois mais nada; mas todos parecem querer apressar a resolução e passar inevitavelmente ao esquecimento, que já dá os primeiros sinais em uma indiferença mal escondida, olhares de relance para o relógio e pés batucando, muito discretos, o chão. Provavelmente os assusta pensar nela, eu entendo, apesar do engano que a falta traz, o olfato lembra do cheiro forte de cigarro e a audição dos gritos irascíveis, mesmo que tenha ido de louca a santa em um fechar de olhos. Quase-cartomante, disse muitas vezes no decorrer dos últimos anos que quando se morre de súbito uma enorme empatia brota em todos os âmagos alheios e que, quando chegasse sua vez, não lhe fizessem nada, que gastassem todo o afeto enquanto ela pudesse aproveitá-lo. Não fizeram. Agora, desfilavam o

comedido luto, que em nada parecia ser dela, o que faz sentido já que agora nada mais era.

Quando a entendi, já estava partindo. Antes disso, por determinação oficial da grande juíza, pouco nos vimos. Tudo o que ela era implicava algum tipo de perda, do prestígio, do renome, do bem-viver, isso era de alguma forma consenso entre os que a cercavam, por isso, passou a maioria dos seus dias em embargo com os mesmos que agora debulhavam sobre seu corpo. Explosiva grosseira descontrolada vagabunda desocupada, tudo evaporou sem deixar rastro assim que o sangue deixou de seguir seu curso. Não tolerava que deliberassem sobre seus passos, tinha uma coragem muito maior que a minha, vivia sozinha e trabalhava estritamente o necessário, crime falimentar. Era feliz, se é que ainda se pode falar em felicidade, parecia ser, por mais que normalmente não sorrisse. Parecia viver em uma espécie de harmonia com o tédio, a raiva, o arrependimento, essas coisas que mastigam a gente um monte por vez. Foram arrancadas antes de nascerem quase todas as lembranças que eu deveria ter com ela, e as que tenho não condizem com o luto que todos parecem sentir, incluindo a responsável central por ela ter se feito ausente em mim há muito tempo. Os olhos de Adriana, sua irmã e minha mãe, mostram uma âncora em seu peito, sentindo a imortalidade recém-conquistada de todas as mágoas não resolvidas, mesmo tendo dito que quando chegasse o dia “honestamente não lhe faria a menor falta” e tendo desperdiçado quinze anos até perceber, quinze anos que ela também tirou de mim. Fiquei ao seu lado durante os últimos meses, mas sinto uma coisa tão menor, quase translúcida, que me sufoca

feito poeira. Deveria sentir mais, gostaria, não sinto. No centro do meu peito, uma raiva amorfa, dos lados em guerra e de mim mesma por não ter sido capaz de remediar, superar, nem sequer de pesar seu último adeus como deveria. Não tive tempo para ensaiar a dor, apesar da doença tornar a morte iminente, não é cognoscível o tempo das Moiras, toda morte é súbita.

Preciso entrar na dança revezada e caminhar até o corpo, não sei se deveria, posso chegar e não brotar uma lágrima sequer, o que certamente será lido como desrespeitoso ou fora do estipulado. Apesar do estipulado não ter sentido nenhum, a exposição seguida por repreensão certa não vale o risco. Quero roubar toda a dor acumulada nessa sala, furtá-la e realizar todos os testes laboratoriais possíveis: primeiro porque assim descobriria se de fato sentem tudo o que choram ou se parte é apenas uma espécie de cortesia exibicionista; segundo porque assim também teria lamúrias para integrar ao ritual coletivo. Quando morrer, quero doados os meus órgãos e tudo que restar reduzido a cinzas, sem que toda a vida seja digerida pelos vermes do fim ao começo, devorada de fora para dentro onde ninguém vê nem sente. Vou até lá. Não, perdi a vez, na próxima.

As luzes, frias, fortes, simetricamente espalhadas pelo teto, os olhares de pena e os choros sentidos me empurram cada vez mais para a quina do salão, como se ordenassem saída. Nada na próxima nada na próxima nada. Os pés batendo contra o chão frio agora são os meus, esse desespero também é meu, a indiferença também, e eles correm devagar, quase sem mover, nas artérias, pingando ardido no coração, medicação intravenosa. Anda logo anda logo anda logo a cabeça grita,

mas não obedeço. A porta convida e meus pés quase instintivamente aceitam, automáticos, contornando o quanto possível a quadrilha em andamento para lá e para cá, focada sempre no próximo azulejo, cabeça baixa e ouvido atento a qualquer sinal de movimento em raio próximo. Tento existir onde ninguém vê, comendo pelas beiradas dos que me cercam seus próximos movimentos para garantir que os meus não destoem e, sem incomodar, chegue ao lado de fora da porta, cada vez mais visível, prometendo um melhor existir.

Ela tinha uma coragem muito maior que a minha. Não tinha vivido pelas bordas, parasitando conveniências e gestos apropriados, nem quando estava em vias de despencar de vez pra fora da existência. Mesmo após o diagnóstico, não abriu mão dos amores, dos bares, dos cigarros, drinks, encontros e folias até que seu próprio corpo a impedisse, o que enlouquecia minha mãe. Desde que descobriu que eu tinha contato com ela, Adriana parecia esperar em todas as conversas alguma atualização, se eu não dava, ela me perguntava, disfarçando a curiosidade com expressão de desgosto. Chamava-a irresponsável, egoísta, até suicida, sem perceber que, apesar de seus esforços, a preocupação transparecia na raiva. Era muito mais como eu: não tinha sequer a coragem de desgarrar a mágoa e ver por baixo dessa camada espessa com a qual vinha se cobrindo. E nunca pisava um milímetro fora do ensaiado, escondendo com graça o treino e esforço necessários.

Branco, branco, branco, sapatos pretos de fivela dourada colidem contra os meus, são os mesmos que usava para ir à igreja aos domingos e que encarei mil vezes por ter medo de dizer que não queria ir. Olha-

mo-nos, Adriana e eu. Temos a mesma sobrancelha erguida e olhos arregalados, que garantem uma fixa expressão de susto. Ela se recupera mais rápido do imprevisto, volta à serenidade bucólica de antes e toma meu braço, dando a entender que vamos juntas até o caixão. Vou. Ela arranha disfarçada a bolsa, enquanto arranho meus dedos sem que ela veja; ela olha para os lados, para todos, enquanto olho para o chão e para seus braços; caminhamos em direção àquilo que não nos arriscamos a ver. A caminhada parece eterna, cada passo uma bigorna a mais amarrada aos meus tornozelos, pelo medo de ver seu corpo sem ela o preenchendo, pelo medo de isso não ser o suficiente, pela covardia de não seguir os conselhos que ela me daria e sair rodando daquele salão. Uma culpa me devora de dentro pra fora, um pouco por dia, agora Sandra é um dos nomes desse parasita. Ela detestaria ser colocada embaixo do solo, detestaria ser enterrada na sepultura familiar e faria piadas sobre não querer a eternidade ouvindo bobagens no além. Tenho a impressão de que gostaria de evaporar, subir pelos ares até desintegrar a milhões de metros de altitude, como se fosse borboleta e logo depois virasse fumaça. Um passo decisivo revela nariz, boca, parte do tronco, opacos e mais amarelados do que nunca; como se a imobilidade do corpo me fosse transferida, congelo. Adriana puxa meu braço como se eu fosse um teimoso animal de carga, indócil, atrapalhando o ritmo das despedidas. Levanto o rosto e olhos de todas as partes, lacrimejantes, entediados, vazios, sonolentos, assustados, parecem se procurar em mim. Não encontrariam nada. Adriana diz algo que não escuto e aponta para mim os olhos cerrados, puxa sem

muita força meu braço enquanto com a mão espalmada no centro das minhas costas tenta me conduzir a seguir a dança, mas meu corpo não obedece.

Súbito, escapo dessa valsa e caminho em marcha para além da porta. Penso em Adriana me vendo caminhar para longe, no que pensava, se sentia vergonha e raiva, que justificativa daria aos outros. Tenho vontade de voltar, mas seria pior e poderia levar ao chão qualquer suposto compromisso que ela possa ter inventado para explicar minha saída. Sinto o ar áspero e o chão parece tentar esquivar-se dos meus pés, que se movem cada vez mais rápido. Na lateral da avenida, suspeito que olhares desconhecidos me acusem, possam ver as bolas de ferro que arrasto a cada passo e chiam ardido no concreto. Procuro mergulhar o quanto posso em cada rápido encontro, verificando se percebo em todos a vida indo embora, sendo digerida gradativamente pelos vermes que se alojam e reproduzem no peito e circulam pelas veias. Quantas vezes tinham executado o mesmo movimento, para lá e pra cá da avenida, de um lugar a outro, nos espaços predestinados, devorando e sendo devorados por Cronos até quê.

Entro em qualquer ônibus, sento o mais imóvel possível, olhando o cardume de carros que se deslocam, solitários. Quatro ou cinco borboletas, asas brancas, cruzam a janela, vindo não sei de onde, ultrapassam a altura do ônibus, superando a copa das árvores até que se misturam à alvura das nuvens.